

Do Eu-Transcendental Ao Eu-Dialógico: Inserções Kantianas na Filosofia Ética Bakhtiniana

From Transcendental Subject to Dialogical Subject:

Kantians Insertions From Bakhtin's Ethics

 <https://doi.org/10.67204/riel.v4i10.3083>

Recebido em 28/05/2026 • Aceito em 19/07/2026 • Publicado em 13/10/2026

Anna Júlia Camargos Pennisi, LL.M.¹

Resumo: Entre cosmovisões que indicam a modelização da ciência e da linguagem rumo a uma linearidade filosófica, Kant inaugura seu pensamento propondo a hermeticidade absoluta da razão em relação a historicidade, compreendendo de caminho impossível a apreensão do conceito a partir da externalidade. Criando um sujeito racional universalizado, Kant constrói uma estrutura nada dialógica, correspondente com os ânimos iluministas e modernos, mas dissidente da realidade concreta. É por isso que o Círculo de Bakhtin discorda e atualiza esta forma de perceber o sujeito perante o mundo, transformando o Eu-Transcendental (aquele que não toca em nada a não ser a interpretação da experiência por meio da racionalidade pura) em um Eu-Dialógico, que torna seu produto a percepção do sujeito em um contexto interativo. Este artigo, delinea o que há de Kant em Bakhtin e em quais pontos Bakhtin moderniza, renova e re-estrutura a arquitetura kantiana, em uma troca entre filosofia e linguística dignos da análise dialógica do discurso..

Palavras-chave: Apercepção Kantiana, Transcendentalismo, Análise Dialógica do Discurso.

Abstract: Among worldviews that suggest the modelling of science and language towards a philosophical linearity, Kant inaugurates his thought by proposing the absolute hermeticism of reason in relation to historicity, understanding the apprehension of the concept from externality as an impossible path. Creating a universalised rational subject, Kant constructs a non-dialogical structure, corresponding to Enlightenment and modern ideals, but dissenting from concrete reality. This is why the Bakhtin Circle disagrees with and updates this way of perceiving the subject in relation to the world, transforming the Transcendental Self (that which touches nothing but the interpretation of experience through pure rationality) into a Dialogical Self, which makes its product the perception of the subject in an interactive context. This article intends to outline what is Kantian in Bakhtin and at what points Bakhtin modernizes, renews, and restructures Kantian architectonics, in an exchange between philosophy and linguistics worthy of a dialogical analysis of discourse.

Keywords: Apperception, Transcendentalism, Dialogical Analysis of Discourse.

¹ Discente, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
Mestrado em Direito, Universidade Federal de Uberlândia

 ajcp.annajulia@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0003-0678-0490>

Introdução

A teoria linguística encontra, no dialogismo, parte importante da sua própria virada copernicana. Dentro da análise dialógica do discurso e da percepção Bakhtiniana de linguagem viva como prática social, em alinhamento com a linguística aplicada² (Fiorin, 2023, p. 173-192), há um giro que leva a visada da linguagem de um lugar estático e hermético para uma teoria dinâmica, que não se quebra diante das mudanças de padrão (Volochinov, 2017). De mesmo modo, o discurso vem como um arco de alívio para uma linguística patologicamente objetivista, a qual o purismo estruturalista faz esvaziar, tornando-a contemplativa, sem construir nada além de conhecimentos descritivos. Em meio a teorias cada vez mais incertas da linguística, que visavam um formalismo dentro de algo que muitas vezes se tornava variável (na comunicação, há mais exceções que regras universalizáveis), a análise dialógica do discurso deixa de olhar para a palavra como objeto externo e observa o sujeito, identificando como ele constrói sentidos (Volochinov, 2017, p. 103-107).

Adotar o modelo de linguagem que parte do sujeito e busca compreender a sua relação com o objeto e o modo com o qual há a percepção da palavra e a construção da linguagem por meio do uso têm algumas consequências. A principal delas é a identificação do sujeito como construtor de sentidos (e conseqüentemente, de história): ao invés de esperar tudo da objetividade da palavra, se desloca a responsabilidade (Bakhtin, 2017, p.43) da estrutura posta para aquele que enuncia, segundo suas características particulares. Ora, se o acesso ao sentido não se pode fazer sem a intermediação do homem, enquanto ser que possui uma vivência expressa, há alguma construção moral individual na relação que o sujeito decide estabelecer com as escolhas linguísticas que toma parte. “A expressão organiza a vivência, dando-lhe a sua primeira forma e definindo a sua direção” (Volochinov, 2017, p. 208). O uso dos enunciados e a construção de sentidos é propositada, consciente ou inconscientemente, guiada por máximas internas e essencialmente pela racionalidade que guia o humano, em diálogo com toda a externalidade que se desdobra ao seu redor³.

² Entendemos a Linguística Aplicada como modo de compreender a linguagem por vieses multidisciplinares, especialmente na concretude e nas inter-relações de sujeitos enunciadorees como constituidora dos destinos discursivos.

³ “Um signo se opõe a outro signo e a própria consciência pode se realizar e tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sígnico” (Volochinov, 2017, p. 93).

Mas será que este sujeito, responsivo e responsável ativamente pelos seus enunciados, possui consigo algum tipo de controle sobre o objeto de suas enunciações? Qual seria a relação entre a coisa intencionada e a coisa dita ou, ainda, em relação ao externado pela linguagem e o recepcionado pelo universal? É possível universalizar a linguagem a partir da concepção de linguagem prática, ou deve-se evitar a todo o custo a perspectiva da linguagem como um ato social? Naturalmente pós-Kantiano (como qualquer filósofo que se coloca em um momento histórico posterior à revolução epistemológica causada pela Crítica), o Círculo de Bakhtin explora certa ampliação do sujeito transcendental por meio da abordagem da linguística aplicada. Na inconformidade com a abstração do sujeito, Bakhtin busca encarná-lo a partir da historicização da *apercepção* transcendental⁴. A partir de um Kant (2001) que tenha elaborado um sujeito que conhece com determinadas limitações, o Círculo converte tudo isso em limites da expressão, concordando que há um conhecimento impossível de ser acessado, cada um por suas diferentes razões, ainda que advindos do mesmo ponto de consciência.

Neste artigo, defendemos que Bakhtin propõe uma transposição histórica da *apercepção* transcendental kantiana para deslocar os limites cognoscitivos para a limitação da expressão e responsabilidade⁵. Para tanto, passearemos pelos conceitos principais da estética transcendental e, em seguida, da responsabilidade enunciativa dialógica de Bakhtin, compreendendo o que há de Kant em Bakhtin e quais os processos constitutivos do sujeito dialógico.

A Estética Transcendental⁶

Se Bakhtin perguntou, a princípio, “como pode o homem significar”, Kant (2001) interpela “como pode o homem conhecer”. Isso acontece em reflexo ao espírito da modernidade que traz o homem a si mesmo. Depois de séculos buscando no *cosmos*, na

⁴ Considerando a *apercepção* como unidade de consciência *pura*, colocada em tensão posteriormente pelo Círculo. Este conceito nós retiramos de Salgado (1986, §29). “É preciso, pois, que haja uma *apercepção* transcendental que preceda a toda experiência, sem a qual experiência alguma é possível. Ela, como unidade da consciência, é que possibilita todos os conhecimentos, as ligações entre eles e suas unidades” (Salgado, 1986, p. 107).

⁵ Sobre responsabilidade, façamos o uso do conceito multilateralizado de Bakhtin (2017).

⁶ Estudar as obras de Kant sem um guia é tão perigoso quanto se tomar o volante sem habilitação. Portanto, utilizamos como fonte primária neste texto “A ideia de justiça em Kant” de Salgado (1986), além do produto das discussões nos X seminários Kantianos ofertados pela professora Karine Salgado e intermediados pelo professor Joaquim Carlos Salgado, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

polis, no Império ou em Deus o suporte da vida material e moral, percebendo a volatilidade de suas convicções, o homem se vê diante de uma instabilidade cognoscitiva que só pode ser sanada com certezas absolutas e universais. Com a dúvida cartesiana, que desconstruiu todas as percepções dos sujeitos sobre o mundo em que viviam, gerando a única possibilidade de certeza na ligação com a própria racionalidade, o moderno começa a buscar nos objetos aqueles que podem realmente ser conhecidos. O suposto progresso, no entanto, traz apenas mais dúvidas: os racionalistas se tornam dogmáticos, e passam a acreditar tão somente nas perspectivas lógicas construídas por eles mesmos. Ao mesmo tempo, os empiristas se tornam ceticistas, levando à última consequência a necessidade de tomar o que se vê como verdade e descartar todo o resto⁷.

O retorno à perspectiva metafísica também era insuficiente. Os conceitos construídos se transformam em uma pirâmide em que uma teoria se baseia em outra *ad eternum*, de modo que a fundamentação anterior é sempre correspondente à fundamentação posterior, criando um ciclo de fácil ruptura em que se alguma informação estiver incorreta, todas as outras se invalidam automaticamente. Diante deste cenário, Kant (2001) apresenta uma nova perspectiva, em um verdadeiro giro chamado de copernicano: ao invés de olhar ao exterior e aos objetos, sua pergunta tangenciava muito mais os sujeitos cognoscíveis e sua relação com o mundo que lhes rodeia⁸. O problema não é mais o objeto, mas sim o próprio sujeito e seus mecanismos de percepção e categorização do exterior, por diálogo com sua interioridade.

Dai que a teoria do espaço e tempo de Kant objetiva responder ao problema fundamental da Filosofia Transcendental: "Como são possíveis os juízos sintéticos a priori?" Isto é: Como é possível a ciência (já que ela existe), ou, como é possível que uma proposição científica encerre um acréscimo ao conhecimento, ou seja, que se acrescente ao sujeito de um juízo algo que ele não tem, de modo que esse juízo conserve o caráter de universalidade e necessidade que só os juízos a priori fornecem. Os dados da resposta à pergunta acima formulada são as intuições puras a priori: espaço e tempo. Nelas encontramos algo a priori que pode ser ligado sinteticamente ao conceito. E os juízos a priori daí obtidos só atingem os objetos dos sentidos e só valem para uma

⁷ Apreende-se este caminho com o estudo atento da história da filosofia, mas essencialmente dos capítulos iniciais de Salgado (1986). Anote-se que estes capítulos estão dispostos na primeira edição do texto, ainda que se omitam em outras impressões.

⁸ "Ceticismo e dogmatismo são as duas terminais da metafísica. O primeiro se assemelha ao caos, à anarquia da ordem social; o segundo, ao despotismo. 4 O instrumento da superação dessas correntes estéreis é o criticismo, com que Kant pretende evitar aquelas consequências que o unilateralismo traz. O conhecimento não poderá desprezar a razão como fonte de representações a priori, nem os sentidos como lugar da ocorrência do objeto. O racional e o sensível devem estar, pois, presentes em todo conhecimento, para evitarmos o voo das idéias no "espaço vazio do entendimento puro", como ocorreu com Platão." (Salgado, 1986, §21).

experiência possível, nunca para objetos que não se submetem à possível experiência. (Salgado, 1986, §25).

É por isso que seu problema central é “como podemos conhecer”, e não mais “o que podemos conhecer”. A busca kantiana pelo universal o encontra ou, pelo menos, o delimita nas estruturas de conhecimento sensíveis e inteligíveis, unindo de modo dialético a experiência com a razão, sem que uma seja dispensável a outra. É assim que a metafísica transcendental focaliza na mente humana e nas suas capacidades internas de conhecer para, a partir das impressões tomadas pelos caracteres sensíveis, elaborar conhecimento racionalizado, categorizável e, especialmente, conceitual. É assim que o “despertar de um sono dogmático” nos torna integralmente e eternamente pós-kantianos, de modo que toda a filosofia contemporânea precisa passar de alguma maneira por Kant, seja para adotá-lo ou criticá-lo.

Assim, o conhecimento para Kant se desdobra em duas faculdades. Em primeiro, a sensibilidade carrega em si a experiência do mundo, que se apresenta ao sujeito de um caminho do externo ao interno (Salgado, 1986, §21). É por meio das condições de conhecimento sensível como o tempo e o espaço que ele consegue iniciar o processo de conhecer verdadeiramente, realizar juízos sintéticos acerca do que o envolve. Recebidas as informações do mundo que nos contém, o cognoscente as processa por meio de seu aparato intelectual formativo que, por sua vez, pode categorizar e nomear as suas percepções desde que passadas pela via da experiência. Sem a sensibilidade, as certezas não podem ser dadas, e sem a racionalidade, o conhecimento se torna uma mera expectativa sem repetibilidade – é por isso que as duas coexistem por meio da transcendentalidade (Salgado, 1986, §21).

Em outras palavras, a cognição só é possível pelo processamento dos estímulos exteriores pela consciência dos sujeitos. Há algumas importantes consequências aqui. A primeira delas é a de que o resultado do conhecimento parte necessariamente de um sujeito que, individualmente, conhece. Isso significa que há, eventualmente, variações entre as coisas conhecidas. É por isso que na filosofia kantiana jamais será possível acessar a coisa-em-si, chamada de *noumenon*; mas tão somente o *phenomenon*, que se traduz em a percepção intermediada pela variação das coisas e que são sujeitas a variabilidade (Kant, 2001). O conhecimento é compartilhável em sua imperfeição; ou seja, não é possível encontrar um conceito puro de alguma coisa ao ponto de hermeticamente explicar aos

seus pares. Ao mesmo tempo, ele existe; só não é alcançável e, muito menos, representável (Salgado, 1986, §30).

Ainda que Kant (2001) consiga explicar a forma da consciência, especialmente ao em sua perspectiva formal e procedimental para a conquista do Universal, é importante perceber que sua tese se encerra na forma de um sujeito universal abstrato⁹. Talvez pela sua condição histórica e o espaço em que ocupava, o autor não se desdobrou em questões sociais e materiais (fora a intersubjetividade), essencialmente sem refletir nos caminhos da história e das não-objetividades que poderiam macular até mesmo os caminhos da racionalidade. A ausência de tratativa sobre a linguagem também é relevante, já que nesta se encontra o caminho para a externalização de quaisquer arbítrios, especialmente aqueles gestados dentro da *apercepção* dos sujeitos. A consciência se concretiza historicamente não em Kant, mas na dialética promovida pela filosofia da linguagem. No deslocamento do que é formal para o que é histórico que se abre o espaço para a construção do dialogismo¹⁰.

A Historicização da Consciência em Bakhtin

Bakhtin dialoga constantemente com Kant em toda a sua obra, em especial na sua filosofia do ato moral (Brandist, 2002, pp. 34-35). Recebendo a concepção de que o sujeito pensa e está constantemente acompanhado de si mesmo nas suas percepções relacionadas ao mundo, o autor busca desconstruir os limites cognoscitivos com o avivamento deste sujeito a partir das impressões históricas que eles possuem em suas competências interiores. Enquanto Kant (2001) compreende o conhecimento como um processo que nasce entre a dialética do exterior com o interior, em uma interpretação do sujeito a partir daquilo que ele possui condições de conhecimento, maculando constantemente as suas percepções a partir do mundo concreto; Bakhtin (2017) abre a porta ao mundo interior e explora a

⁹ “The fragment of *Toward a Philosophy of the Act* that has survived is of interest chiefly for what it tells us about Bakhtin’s later work. With a knowledge of the sources of the ideas, which are nowhere overtly signalled, we can now see that it represents little more than a (rather too) self-conscious combination of themes from contemporary German and Austrian philosophy. Furthermore, the labyrinthine argument, tortuous style and peculiarity of terminology make the text a particularly difficult one with which to engage. The work is full of the themes that recur in various ways throughout Bakhtin’s later work: the hostility to rationalism and positivism; the need to overcome neo-Kantian abstractness by adopting intentional consciousness in place of ‘consciousness in general’; a concern to overcome the split between objective culture and life; the place of feeling in experience and expression; a concern for non-formal ethics and the centrality of intersubjectivity.” (Brandist, 2002, p. 39).

¹⁰ Dialogismo é a compreensão do fenômeno linguístico como um diálogo de enunciados que são, constantemente, colocados em tensão e que, por meio de jogos de significação e construção de sentidos produzem mais sentidos, eventualmente convertidos na ideologia e na realidade material. (Volochinov, 2017, p. 113).

linguagem enquanto uma via de acesso para aquilo que reside no intrínseco para que se transponha em um ato concreto, ainda que irrepetível.

Por meio da concepção de formação de sentidos, entendemos que o sujeito passa todo o período de sua vida elencando impressões da experiência em um acervo pessoal e interior, ora inacessível e onde se compartimentalizam as coisas como realmente são significadas. Por meio do dialogismo, recrutando suas categorias individuais para interagir com uma figura externa, e da concepção de que todo o produto do diálogo é irrepetível e inédito, sendo tão somente universalizável o seu modo de produção, Bakhtin (2017, p. 81) coloca na responsabilidade do sujeito a criação de seus diversos predicados¹¹. A consciência não está somente dentro do conhecedor, como Kant elabora na condição *a-perceptiva* (Salgado, 1986), mas sim na fronteira e nas tensões ocorridas da alteridade, espaço em que se formam novos conceitos de nomeação e renomeação. A criação de conceitos se dá muito mais por um processo de acesso linguístico à mútua experiência da vida com as significações da consciência do que uma abertura interna ao que seria diretamente e moralmente construído ao decorrer do tempo e do espaço, em internalidades que propiciam o ato de conhecer.

Esta é a primeira grande crítica bakhtiniana (2017, p. 81): o “eu penso” se torna “eu ajo”, como uma responsabilidade própria de um sujeito que transgride de modo involuntário e situado as suas próprias concepções linguísticas de acordo com as suas posições de mundo. Compreendamos o lugar no qual o Círculo de Bakhtin se situa: o grupo de autores, originalmente filósofos e posteriormente analistas literários e linguísticos, cria em sua teoria um escopo para tratar sobre temas inicialmente da filosofia germânica à revelia do governo autoritário russo. Ainda que por meio da análise de um *corpus* materializado, com uma estruturação linguística de conhecimento, o Círculo elabora teses que transpõem ao personagem e ao narrador a relação com a qual o sujeito integra a sua própria cadeia de produção de conhecimento¹².

Assim, quando Bakhtin (2010) devolve o sujeito ao centro da análise linguística, identificando os seus aspectos históricos, ele combate a objetificação posterior a Kant que fora realizada pelas formalizações extremadas dos processos cognitivos. Ao invés de olhar a

¹¹ A coisa em si, de fato, é inacessível. Só acessamos as interpretações realizadas por meio de diálogos entre o sujeito, sua interioridade, a história e os processos de reflexão e refração.

¹² A terminologia autor-personagem-narrador se faz para manter a acuidade da argumentação de Bakhtin (2010), que se utiliza da literatura para produzir conceitos que são agregados na vida concreta e cotidiana.

um texto como posto e finalizado, desdobra as condições de construção de sentidos uma a uma, trazendo o protagonismo a todos os partícipes das enunciações como inserções históricas externas ao acesso àquele mundo interior originalmente inalcançável. Há um ponto em comum, aqui, com a transcendência: a interioridade pura do sujeito não é alcançável sem que seja atravessada por interpretações conscientes e inconscientes elaboradas por outros partícipes do processo de documentação e formalização da percepção. A *coisa em si*, se ela existe, seria uma identificação formal e interna que se acessa por meio das recepções externas e historiográficas que dialogam com os próprios sujeitos. É por isso que o momento histórico tem uma dupla função, de ser tensionado e, ao mesmo tempo, moldar e tensionar; e a personagem possui a sua concepção interna de refletir e refratar aquilo que é posto pelo autor e pelo narrador, com sua consciência individual inacessível.

o sujeito pressuposto pelo Círculo bakhtiniano, ainda que possuidor de uma instância apriorística (a faculdade de ser afetado) e de uma dimensão psíquica povoada de signos interiores, constitui-se como um fenômeno socioideológico e somente pode ser compreendido através do material semiótico materializado. Essa perspectiva, embora fecundada por um aspecto da filosofia kantiana que preconiza uma estrutura cognitiva presente no sujeito cognoscente, não é totalmente compatível com esse pressuposto de Kant por este considerar a existência de conhecimentos apriorísticos, isto é, conteúdos universais que independem da experiência e que não são válidos para um único sujeito, mas deve ser universalmente aceito como verdadeiro. (Lima, 2021, p. 11)

Ao dizer que a linguagem só pode ser estudada na perspectiva da concretude, defendendo a língua viva e, conseqüentemente, tomar como base o sujeito enunciador em diálogo eterno com a historicidade e os outros sujeitos que compõem o ato comunicativo, Bakhtin (2017, 2010) também integra a alteridade como condição intrínseca à produção de sentidos. Sendo o enunciador totalmente responsável pela sua enunciação, o sujeito é desafiado constantemente pela postura da responsividade ativa, em que espera da externalidade uma constante resposta para o ato cognitivo. Conhecer se torna uma resposta constante a hipótese interpretativa do meio externo, que pode se configurar enquanto um terceiro à enunciação. Tudo é integrável, e o conhecimento se situa no sujeito – assim como apregoa Kant – porém, em uma eterna condição de intersubjetividade, que integra o próprio *phenomenon* na condição de dialógico a expectativa do outro. Neste sentido,

enquanto o “outro” kantiano é um objeto ou um fim moral, o “outro” de Bakhtin se integra a própria consciência e intermedia diretamente o ato de conhecer.

Todavia, a atividade transcendente é deveras atividade historicamente individual da minha ação, pela qual sou individualmente responsável? Ninguém, certamente, afirmará tal coisa. A descoberta de um elemento transcendente a priori em nossa consciência não criou uma saída desde o interior do conhecimento, isto é, desde seu aspecto de conteúdo-sentido, em direção ao efetivo ato cognitivo histórico individual; não superou a sua separação e mútua impenetrabilidade, e para essa atividade transcendente foi preciso inventar um sujeito puramente teórico, historicamente inexistente, uma consciência em geral, uma consciência científica, um sujeito gnosiológico. (Bakhtin, 2017, p. 45).

O modal de transposição do Outro inicialmente situado na externalidade para a integração do consciente está no conceito de *Vnenakhodimost*, que completa a sensibilidade kantiana. A exotopia (Bakhtin, 2017, p. 61) é a compreensão de que o sujeito só consegue se identificar enquanto uma peça consistente no mundo em que habita desde que seja visto no tempo e espaço, e aquele que consegue vê-lo está na posição exterior em relação aos demais sujeitos. Grosso modo, sem a alteridade é impossível que a percepção do sujeito se dê em totalidade, o que o condena a ficar constantemente preso em si mesmo e nas suas falsas consciências internas e individuais. O posicionamento do sujeito enquanto parte de um mundo exterior facilita o ato de conhecer aquilo que, para Kant, é irremediavelmente inacessível: a coisa-em-si ao menos enquanto se reporta para a sua própria consciência¹³.

Bakhtin (2017, 2010), portanto, integra duas concepções importantes. Embora entenda a inserção do conhecimento indutivo como essencial para a construção de proposições predicativas inovadoras e, principalmente, compreende o papel da internalidade para a formulação destas proposições enquanto universais, o Círculo tensiona a universalidade pretensa e enxerga verdade essencialmente na condição concreta. É como se a coisa-em-si, para o Círculo, deixasse de ser alcançada e passasse a ser criada, de uma maneira irrepitível e, agora sim, eventual, sendo somente as expectativas de transubstanciação por meio do pensamento racionalizáveis.

¹³ “Para o dever não é suficiente apenas a veracidade, o ato de resposta do sujeito, que provém do seu interior, a ação de reconhecimento da veracidade do dever, e também esta ação não penetra, de modo algum, na composição teórica e no significado do juízo. Por que, enquanto penso, devo pensar veridicamente?” (Bakhtin, 2017, p. 46)

O Eu-Transcendental e o Eu-Dialógico

Em Kant (2001), a consciência possui, em si, uma unidade transcendental que coaduna as representações intuídas pelo sujeito e as auxilia a construir uma síntese do conhecimento (Salgado, 1986, §29). Em outras palavras, o “eu penso” é a interioridade racional do sujeito que sistematiza, dentro da consciência, as impressões sintéticas que são alcançadas por meio do mundo exterior para se se tornem um uno universalizável¹⁴. Este sujeito se torna gnosiológico, regulado pela natureza da própria faculdade de cognição, pontífice da transposição de uma série de sensações exteriores e percepções para um mundo interno e inacessível, nas quais as coisas fenomenológicas se categorizam dentro do sujeito. Este Eu é autônomo, já que possui em si mesmo todas as suas normativas de funcionamento e composição, permitindo com que seja um indivíduo consequencioso de si mesmo, direcionando o seu mundo compreensivo dentro de si (Salgado, 1986, §29).

No trânsito para o Eu-dialógico, Bakhtin identifica a limitação do ser cognitivo como um sujeito que não percebe nada além daquilo que já está anteriormente na sua universalização, sem capacidade generativa, sem condições de variabilidade culturais. A crítica Bakhtiniana se transpõe na condição, aparentemente disfuncional, de um homem que se repete em si mesmo, enquanto proprietário de si à custa de seu ensimesmamento e hermeticidade, sem condição de interação (Pires, Sobral; 2013). O excesso de abstração do Eu incomoda a Bakhtin, que identifica o ato individual como advindo de um sujeito que, em suas últimas consequências, não existe, já que não pode ser percebido fora de um campo interativo. O ato precisa ser assinado, identificado e o sujeito deve ser heteroposicionado, sob o escrutínio e percepção do Outro: caso contrário, seu simbólico não poderá conduzir a uma condição de existência em si mesmo (Brandist, 2002, p. 74).

Enquanto o sujeito Kantiano é um espírito desencarnado, o de Bakhtin é aquele que concede sua carne e seu sangue ao mundo concreto para tomar parte dele (Bakhtin, 2017, p. 55). A sua proposta é um sujeito que não apenas conhece, mas expressa e explora os limites de sua expressão muito mais do que os limites de seu conhecimento. Este sujeito é composto por uma estruturação em um lugar único, de ser insubstituível que ocupa a sua

¹⁴ “Com relação ao entendimento, todo o diverso da intuição, assumida nas condições formais do espaço e do tempo, é submetido à unidade originariamente sintética da a percepção. Pela a percepção (consciência de si mesmo) as representações simplesmente dadas são então ligadas.” (Salgado, 1986, §29, p. 107).

condição sujeitudinal de responsabilidade pelo próprio ato de *ser*¹⁵. É nesta estruturação que o sujeito somente o é pela sua coexistência para si e para o outro que o enxerga, sendo condicionado ao diálogo com os enunciados intrínsecos deste que lhe coloca em constante e eterno julgamento, tempo que seja tempo. É a construção da *pravda* a partir da transição da *istina* abstrata e eterna, em que o ato responsável pode agregar um absoluto no evento único da vida, pela orientação participativa para com a coexistência de um segundo sujeito que permite com que a abstração se encarne e concretize (Bakhtin, 2017).

Este sujeito dialógico, ora responsável pelos seus atos na concretude já que a sua própria existência é concebida como um evento que possui, ao seu entorno, raízes que se retroalimentam de sua própria digressão, só existe em razão da concepção do fluxo de consciência em Kant (Lima, 2021). No ímpeto de destrancendentalizar a aporia da separação do mundo cultural e do mundo da vivência, atribuindo unicamente ao sujeito responsivo as qualidades de transformação e enunciação concreta, Bakhtin (2017) bebe da estruturação cognitiva para compreender a sua base intrinsecamente afetável pela experiência, bem como compreende como inefável o verdadeiro sentido da coisa, sabendo que todas são mutáveis de acordo com a experiência individual e concreta de cada ser.

A diferença oficialmente reconhecida é aquela da identidade, da atribuição a um conjunto, uma diferença indiferente à singularidade, à unidade, à não intercambialidade de cada um. Nesta diferença, que geralmente funciona por oposição binária, as diferenças singulares são canceladas, e o que conta é a diferença do gênero, indiferente às diferenças singulares que engloba e que está constitutivamente em contraste, em oposição, com uma outra diferença de gênero, como condição mesma da sua identificabilidade. (Ponzio, 2017, p. 17).

A arquetônica de Kant, qual seja, o plano de construção do próprio conhecimento único e universal, se torna em Bakhtin uma arquetônica do ato cujo sistema de leis dinâmicas passa a ser realidade a partir da estruturação dos movimentos do eu para o outro e do eu para mim mesmo. Diante do esforço pela alteridade como terceiro elemento no processo cognitivo, há uma nova roupagem de consciência socioideológica que transforma o sujeito consciente em um agente, modificador das estruturas que conhecem e consequentemente são colocadas na realidade. Este sujeito, sem álibi para existir, é

¹⁵ "Postupok' é um ato, de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional, e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído" (Bakhtin, 2017, p. 55).

encontrado a partir da assinatura deste sujeito real que, essencialmente, encontra a sua responsabilidade em seu lugar único no mundo.

Conclusão

A identificação do sujeito é muito mais do que simplesmente construir aquele que interage com o objeto. Em Kant (2011), trata-se da virada que colocou o humano no centro do processo do conhecimento, adotando em si todas as suas percepções lógicas e concretas a partir de jogos de intuição e construção de pensamentos que são repetíveis e universalizáveis ao que se coadunam com a Lógica. Ao mesmo tempo, Bakhtin vai transgredir este sujeito para que ele se torne muito mais do que um conhecedor, mas um ator com um potencial de, pela alteridade e os processos dialógicos, construir novos caminhos ideológicos de significação e transposição de interpretações em relação ao objeto. Captando a essência de um sujeito que conhece, agregando o valor histórico e a concretude, nasce o eu-dialógico, que acompanha constantemente a compreensão do mundo por meio dos enunciados. Neste artigo, buscamos demonstrar o modo com o qual ambos se relacionavam a temática do sujeito e, principalmente, construir o trânsito entre o sujeito kantiano para o sujeito bakhtiniano, percebendo que Kant vive ainda em Bakhtin, assim como as inserções teóricas de uma fonte anterior eternamente são refletidas e refratadas no texto contínuo de seu posterior.

Referências

- Bakhtin, M. (2010). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária.
- Bakhtin, M. M. (2017). *Para uma filosofia do ato responsável*. Pedro & João Editores.
- Brandist, C. (2002). *The Bakhtin circle: Philosophy, culture and politics*. Pluto Press.
- Fiorin, J. L. (2023). Reflexões indisciplinadas sobre epistemologia em linguística. In B. F. Fabrício & R. Borba (Orgs.), *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: Homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes* (pp. 173-192). Editora da Unicamp.
- Kant, I. (2001). *Crítica da razão pura* (M. P. Santos & A. F. Morujão, Trans., 5ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lima, S. M. M. (2021). Relações entre o sujeito kantiano e o bakhtiniano: Proximidade e distanciamento. *Letrônica*, 13(esp.), 1-12. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2021.s.42519>
- Martins, E. S., Leite, F. F., & Pontes, N. C. (2012). Dois problemas decisivos sobre *Para uma filosofia do ato*: o mundo cindido e os atributos do ser e do ato ético. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 7(2), 123-141. <https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000200009>
- Pires, V. L., & Sobral, A. (2013). Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, 8(1), 205-220. <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000100013>
- Salgado, J. C. (1986). *A ideia de justiça em Kant: Seu fundamento na liberdade e na igualdade*. Editora UFMG.
- Volochinov, V. (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Editora 34.